

RESENHA

CRUZ, Afonso. *O Vício dos Livros*. Lisboa: Companhia das Letras, 2021. 128 pp.

O livro de Afonso Cruz é uma reflexão sobre o acto de ler, a prática da leitura e a relação que o leitor estabelece com os livros. O autor recorre a pensamentos de Plutarco, Montaigne, Kafka, Lewis Carroll, Rainer Maria Rilke, Milan Kundera, entre outros, sobre o tema, guia para o desenvolvimento do seu texto. A questão que coloca é: a leitura é uma virtude ou um vício?

O livro abre com uma citação de Christian Bobin: «Não há nenhuma diferença entre a leitura e a escrita. Quem lê é autor daquilo que lê.». Esta ideia remete para uma co-criação ou, mesmo, uma re-criação do texto que um autor publica, com a necessidade da intervenção de um leitor, um chamamento, um apelo à sua dádiva de vida, para que o texto vivo ganhe dos seus geradores (autor e leitor) o sentido, um sentido. Há uma transformação, uma metamorfose, num processo de silêncio e de recolhimento, não só pela leitura, mas, também, a partir do acto de criação, de escrita, como se o texto prendesse em si, primeiro, o autor que o cria e, em seguida, buscasse sedento o leitor que o saciasse. Afonso Cruz relata um episódio (pp. 24-25) de um amigo que visita o escritor francês Balzac e encontra-o numa emoção extrema, com a morte de uma duquesa. O amigo não reconhece, na sociedade francesa, essa senhora por tal nome. A verdade é que o escritor acabara de «matar» a personagem no livro que estava a escrever e, ele próprio duplamente autor e leitor do texto, não controlou a tristeza provocada pela sua criação.

Afonso Cruz defende que ler um livro é «abrir pessoas e explorar o [...] próprio mundo através da experiência dos outros.» (p. 25). Compara a leitura à imersão num território íntimo inexplorado, um acto de descoberta de si, em que o «eu»-leitor se identifica (ou encontra semelhanças que definem a sua identidade) com as personagens, tal o inebriamento e a forma como a história o envolve que permite o sonho de vidas e destinos que, na realidade, nunca poderia experienciar: «esta noção é fundamental: ser profundamente o que não somos.» (p. 25). Trata-se de um processo de abertura (Kafka alude a um machado cuja lâmina abriria o peito do leitor para o iluminar, ou o livro não teria utilidade): de si, do «eu» para o mundo, de revelação do ser e da identidade que a leitura de um livro possibilita à experiência do leitor: «A leitura deve resultar numa transformação e um leitor deverá saber que aquele que abre um livro não é a mesma pessoa que o fecha.» (p. 62). Quem procura um livro e lê, quando termina, atravessou uma mudança que tornou o seu espírito renovado, fruto de uma criação que gera um «novo ser», um «novo indivíduo» que ganha uma nova forma de estar e de agir: «os livros que lemos construíram-nos, constroem-nos, construir-nos-ão.» (p. 104). Aprendizagem que abre o caminho, que reveste o leitor de armas intelectuais para desbravar o desconhecido, o livro será sempre uma fonte geradora de iniciação que permite ler o mundo num acto contínuo de renascimento e liberdade: «Quando abrimos um livro, disse Graham Greene, abrimos um futuro.» (p. 108).

O poder do acto de ler, para além da curiosidade, do entretenimento, da distração, é tanto como o de afastar a morte: o autor cita Gabriela Cabal, que afirmou que um leitor não só tem uma vida mais longa pelo tempo que dedica, diariamente, à leitura, como não morre

enquanto não terminar o livro que esteja a ler. A própria dá o exemplo do seu pai, a quem as visitas do médico eram sempre decepcionantes com o lamento da brevidade que lhe assistia com a proximidade do fim, ao que ele contrariava com o pedido de que lhe trouxessem um livro mais grosso para ler. É esta ligação que o leitor estabelece de prazer e gosto pela leitura, de amor pelos livros, que lhe permite aumentar a expectativa de vida. É uma vontade de aprender, é uma inquietação de mais saber, é um avanço pelo desconhecido, pela revelação, pela descoberta, viagem que faz lembrar os navegantes portugueses dos séculos XV e XVI na grande aventura de dar a conhecer o mundo ao mundo, o espaço que habitavam e de cuja existência tantas lendas e mistérios se contavam com temor. Assim, os livros «devem encontrar-se com o leitor, não naquilo que ele é ou conhece, mas precisamente num lugar que lhe é ainda desconhecido.» (pp. 106-107).

Afonso Cruz evoca, também, essa experiência de transmissão oral de saber, de conhecimento, esse «livro-oral» que os mais velhos recolheram, guardiões da memória e de uma voz antepassada cujo legado corre o risco de se perder se não houver *leitor(es)* que os oiçam, que recebam o testemunho e que o passem a escrito e o transmitam a outros. Evoque-se o dito africano: «Quando morre um velho, desaparece uma biblioteca». É, pois, importante valorizar não só o saber escrito que os livros nos conferem, mas procurar, junto dos mais velhos, a experiência acumulada de anos de aprendizagem, quais guardadores de um saber único e valioso que urge recolher, receber, enaltecer num acto de oferenda que enriquece os que se prestam a este culto. As histórias que os mais velhos nos contam têm alma: «Há grandes viagens que se deitam todos os dias em nossa casa e sonham sozinhas. A essas viagens fundamentais, as mais belas de todas, chamamos simplesmente ‘disponibilidade para ouvir’.» (p. 114). E acrescenta: «É a ouvir que damos os primeiros passos para a construção da nossa própria essência, através da partilha de histórias.» (p. 115).

Aliás, a cultura acumulada através da leitura de livros é tão importante até para roubar: quem não tem conhecimentos não sabe o que tem valor para roubar: «O ignorante nunca saberá o que vale a pena roubar.» (p. 41). De facto, há uma batalha a travar contra a resistência de quem não quer ler, com a desculpa de que não pode, não tem tempo, não se interessa, não tem vontade nem em si se encontra o desejo que seduz à leitura, ao privilegiar a televisão, as redes digitais ou o universo que o computador e a internet oferecem, com a forma de cativar que o visual tem de imediato e de aliciante à fantasia do utilizador. De facto, «é muito difícil, senão impossível, explicar a um néscio a importância da cultura, pois ele não tem cultura para perceber a falta dela.» (p. 41).

Não esqueçamos a ameaça de que a cultura se reveste: estados autoritários aceitam, de bom grado, a liberdade de pensamento, a diversidade de opiniões diferentes do lema e da regra que instituem? Evoquem-se quantas obras e quantos artistas foram sacrificados e as suas criações destruídas ou proibidas num acto de censura e de impedimento de conhecimento e saber que não agradam a quem detém o poder. Lembre-se o poeta russo Óssip Mandelstam (1891-1938), exilado por Estaline a quem o poder da poesia tanto perturbava. Amós Oz sugere a curiosidade e o humor como antídotos ao fanatismo, armas que corroem as bases do autoritarismo ao pôr em questão os seus princípios.

O poder dos poetas está na ligação que estabelecem entre os homens, um poder de transformar a relação com o outro, ao permitir a «compreensão da essência do outro» (p. 51). Esta força da inteligência emocional que a leitura confere ao leitor, de se identificar, de se colocar no lugar de, de «ser-outro» sendo ele próprio (Paul Ricoeur chamava-lhe a percepção de *si-mesmo como um outro*, numa compreensão de si através do diálogo com a ideia de alteridade pela auto-reflexão e autoconhecimento criadores de identidade pessoal), é o leitor que *se lê*, que

toma conhecimento de si e de como se sente, ao reconhecê-lo e reconhecer-se no que lê: Jorge Luis Borges «dizia que uma biblioteca é uma autobiografia.» (p. 105). Elias Canetti chama a esta capacidade de metamorfose salvadora de «possibilidade de transformação poética» (p. 51): «só quando nos encontramos no outro nos compreendemos.» (p. 51).

«Este é o espaço e o tempo de quem ainda não renunciou.» (p. 57). A Rua Al-Mutanabbi, em Bagdade, tornou-se conhecida pelos seus livreiros e alfarrabistas que, às sextas-feiras, expõem, no exterior, os livros que possuem e aí se respira literatura, saber, conhecimento, diversidade, diferença, liberdade. Em 2007, um bombista suicida fez-se explodir na rua e vitimou quase cento e cinquenta pessoas. Sobre as cinzas da destruição, a força da vontade dos leitores e do amor pelos livros revelou a resistência de como essa rua é chamada de «o terceiro pulmão da Bagdade» (p. 54): «a verdadeira leitura é como respirar.» (p. 62).

Há lugar, também, para a emancipação feminina, com os horizontes que a leitura pode abrir. Afonso Cruz recorda um encontro com uma escritora na Cidade do Kuwait e, perante a visão de mulheres completamente cobertas, a escritora usava calças e os cabelos destapados. A sua justificação perante a diferença radical para com as suas conterrâneas é esclarecedora da independência alcançada: «Comecei a ler e libertei-me.» (p. 49).

A conclusão é inevitável: «Ao contrário de tantos outros vícios, o dos livros é, na verdade, uma virtude. [...] Ter livros é como ter amigos [...]» (p. 65). Amigos silenciosos que nos despertam para um novo olhar para o mundo, mas, também, permitem-nos sonhar e inspiram-nos um comportamento que nos modifica em busca da felicidade: «não saímos ilesos da experiência» (p. 75). O mais pequeno dos textos desta obra é um resumo exemplar da leitura e do propósito de Afonso Cruz na sua escrita: «Na biblioteca do faraó Ramsés II estava escrito por cima da porta de entrada: «Casa para terapia da alma.» É o mais antigo mote bibliotecário.» (p. 76). O valor que o autor atribui ao livro e à experiência da leitura não podia ser mais claro e definido: «Um livro é a primeira forma física de vida depois da morte, como um corpo glorioso capaz de preservar a alma de quem o escreveu.» (p. 116). Prova, portanto, de que há vida após a morte. Ou de que é possível vencer a morte e a efemeridade. Ao escrever, guardamos os nossos pensamentos no papel, confidente da nossa alma, e é possível que, após o nosso desaparecimento físico, essa folha de papel permaneça e existamos ainda, quando tanto já se transformou em pó.

Os textos (capítulos?) são breves, alguns com escassas duas ou três páginas. O que não quer dizer que essa brevidade seja antónimo do saber, da reflexão, do pensamento do autor sobre a sua própria experiência, dupla experiência, quer como escritor de extrema originalidade (destaco os seis volumes publicados da *Enciclopédia da Estória Universal*, em que são compiladas citações e pequenos textos de autores criados pelo autor, algumas personagens de seus outros livros, num acto de autocitação e de criação de um universo literário próprio em que as personagens se cruzam entre si em diversas obras), mas, também, de um leitor do mundo, de quem conhece vários povos e culturas, através das suas muitas viagens, em que recolheu um saber único que se reflecte no ser de cada povo e na vontade de união e comunhão com ele a quem o viajante não quer ser estrangeiro (no sentido de *estranho a ou para com outro*).

Para quem conhece, acompanha e lê sempre com emoção e desejo de saber os livros de Afonso Cruz, repetindo o título desta obra, fica «viciado». De referir que o autor é, também, ilustrador e são suas as várias criações que acompanham os textos.

Emanuel Guerreiro¹

¹ Doutoramento em Literatura (Parte Curricular) – Universidade do Algarve. O autor segue a grafia anterior ao

Recebido em: 09/07/2021

Aceito em: 28/09/2021